

Soldado Bruno Larsen: desertor e traidor da FEB

Private Bruno Larsen: deserter and traitor of the Brazilian Expeditionary Force

Soldado Bruno Larsen: desertor y traidor de la Fuerza Expedicionaria Brasileña

Helton Costa¹
Dennison de Oliveira²

Recebido em: 24 fev. 2025
Aceito para publicação em: 21 abr. 2025

Resumo: Neste artigo aprofunda-se a questão da deserção de Bruno Larsen, soldado brasileiro na Segunda Guerra Mundial, e afirma-se que, além de desertor, ele foi também um traidor, pois entregou sem constrangimento informações militares aos inimigos. Parte-se da ideia de que o militar agiu de caso pensado e que, ao final da guerra, teve um destino incerto, porém nunca foi levado às autoridades brasileiras para julgamento. Para as conclusões foram utilizadas fontes primárias, pesquisa bibliográfica e fontes oficiais do Estado brasileiro e do governo alemão. Parte-se da ideia de que Bruno, mesmo brasileiro por nascimento, concordava com os ideais alemães do Terceiro Reich.

Palavras-chave: Brasil; Segunda Guerra Mundial; deserção; Força Expedicionária Brasileira; História.

¹ Comunicador social na Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Doutor em Comunicação e Linguagens. Membro do Grupo de Pesquisa em História da Casa do Expedicionário. *E-mail:* heltoncostas@gmail.com.

² Doutor em Ciências Sociais. Professor titular aposentado do Departamento de História da Universidade Federal do Paraná (UFPR). *E-mail:* dennisondeoliveira@gmail.com.

Abstract: This article analyzes Bruno Larsen's desertion, a Brazilian soldier of World War II, and states that in addition to being a deserter, he was also a traitor, as he handed over military information to his enemies without hesitation. This thought is based on the idea that the soldier acted the way he did deliberately and that at the end of the war, he had a dubious fate. However, he was never taken to the Brazilian authorities for trial. For the conclusions, primary sources, bibliographical research, and official sources from the Brazilian state and the German government were used. The idea was that Bruno, although Brazilian, agreed with the German ideals of the Third Reich.

Keywords: Brazil; World War II; desertion; Brazilian Expeditionary Force; History.

Resumen: Este artículo examina la cuestión de la deserción de Bruno Larsen, militar brasileño en la Segunda Guerra Mundial, y afirma que además de desertor, también fue un traidor, ya que entregó información militar a sus enemigos sin pudor. La idea es que el soldado actuó como lo hizo deliberadamente y que al fin de la guerra tuvo un destino dudoso. Sin embargo, nunca fue llevado a las autoridades brasileñas para ser juzgado. Para elaborar las conclusiones se utilizaron fuentes primarias, investigación bibliográfica y fuentes oficiales del Estado brasileño y del gobierno alemán. La idea es que Bruno, aunque brasileño de nacimiento, estaba de acuerdo con los ideales alemanes del Tercer Reich.

Palabras clave: Brasil; Segunda Guerra Mundial; deserción; Fuerza Expedicionaria Brasileña; Historia.

INTRODUÇÃO

A partir da Revolução Francesa (1789), começou a tomar forma o conceito dos exércitos de massa compostos com base no ideal do soldado-cidadão. O recrutamento militar obrigatório e universal, por sua vez, surgiu fortemente associado à unificação alemã (1871) e acabou por consolidar de modo duradouro a relação que se considerava existir de forma natural entre cidadania e serviço militar: os cidadãos de determinado país é que deviam constituir o grosso dos efetivos militares da nação.

Mesmo nesse contexto, continuaram a ser adotadas maneiras diversas de inserção de indivíduos nas Forças Armadas. Geralmente, havia o recurso da contratação de mercenários pagos, o apelo ao voluntariado de sujeitos de fora da comunidade nacional, mas que com ela se identificavam, além do engajamento de súditos oriundos de populações submetidas ao domínio colonial, entre outros.

Essa relativa variedade de métodos de recrutamento para o serviço militar sempre foi, entretanto, considerada secundária em relação ao engajamento massivo dos nacionais, sendo a cidadania definida de formas diversas em contextos históricos particulares. Prevaleceu, em todos os casos, a norma de que existiria um vínculo de lealdade dos cidadãos para com as Forças Armadas, sendo a deserção ou a traição para servir ao inimigo tanto um delito militar quanto um tabu ético e moral.

A Segunda Guerra Mundial foi um enfrentamento armado em que tais lealdades foram frequentemente postas à prova. Podem-se citar como exemplos: o caso dos indivíduos de origem russa que serviram às Forças Armadas alemãs; os indianos que aderiram a um exército controlado pelo Império japonês, entre outros fatos que poderiam ser citados. Em todas as circunstâncias, sob a ótica das potências vencedoras, os indivíduos que aderiram ao lado inimigo perderam a nacionalidade original e, além disso, foram tratados como traidores da pátria, merecendo punições que incluíam até mesmo execução sumária.

O preconceito e os receios contra aqueles que no decorrer do conflito poderiam aderir ao lado oposto sempre foram extremos. Praticamente todas as entidades militares investiram em práticas culturais e procedimentos institucionais que visavam garantir a lealdade das tropas à causa nacional, apelando tanto para a persuasão quanto para a vigilância e repressão contra atitudes tidas como potencialmente suscetíveis de induzir à traição ou fuga diante do inimigo.

Tais temores eram particularmente intensos no Brasil à época da Segunda Guerra Mundial, então um país de imensa população imigrante. Eram grandes as desconfianças das autoridades civis e militares brasileiras em relação à lealdade dos cidadãos de comunidades oriundas de países do Eixo, como a Itália, o Japão e, particularmente, a Alemanha. Essas suspeitas remontavam à Primeira Guerra Mundial (1914-1918), quando já se temia que o isolamento e a autossuficiência das comunidades de origem alemã, em paralelo com o conceito de nacionalidade baseado na hereditariedade (*jus sanguinis*), levassem a um antagonismo irreconciliável com a pátria brasileira ou mesmo à adesão dessas populações à causa da Alemanha.

A chegada do Partido Nazista ao poder na Alemanha (1933) reacendeu rapidamente tais receios. Com a reintrodução do serviço militar obrigatório por Adolf Hitler (1935), começaram as pressões do governo nazista para que a juventude das colônias localizadas no Brasil prestasse serviço militar nas Forças Armadas alemãs. Contra essas pretensões reagiu o governo de Getúlio Vargas (1930-1945), que, por meio do lançamento da Campanha de Nacionalização (1935), procurou utilizar o serviço militar obrigatório como instrumento para apressar a integração das comunidades de origem alemã à nacionalidade brasileira e, lógico, garantir a lealdade delas ao Brasil em caso de uma nova guerra contra a Alemanha.

O envio da Força Expedicionária Brasileira (FEB), a qual contava com substancial efetivo recrutado entre as populações de descendentes de imigrantes, revelou o quanto tais temores eram infundados. Embora contasse com centenas de indivíduos recrutados entre as populações de origem alemã, estes se portaram com bravura e lealdade para com a causa brasileira, alguns dos quais chegaram a ser considerados respeitáveis heróis da FEB. Existe, entretanto, uma única exceção a essa regra. Embora singular – ou talvez por isso mesmo –, deve-se levar em conta o exame do caso de Bruno Larsen, o único desertor/traidor surgido dos efetivos da FEB.

Em combate, a história de Bruno iniciou-se em 26 de novembro de 1944, quando o III Batalhão do 11.º Regimento de Infantaria da FEB, composto pela 7.ª, 8.ª e 9.ª Companhia, começou a se deslocar da área de treinamento em Tenuta di San Rossore para Lustra, na Itália, durante a Segunda Guerra Mundial. Quando o relógio marcou 17h30 daquele mesmo dia, os combatentes já estavam em Silla, ponto de concentração rumo às proximidades de Monte Castello, que teriam como alvo de ataque nos dias seguintes. A última das companhias a chegar foi a 9.ª (Almeida, 2020, p. 16-26).

Até então, nos dias 24 e 25 de novembro já tinham acontecido os dois primeiros ataques fracassados a Monte Castello, e um novo lance já fora ordenado para o dia 29. O III Batalhão, menos a 9.ª Companhia, tomaria parte no combate.

O batalhão citado só recebeu os equipamentos e armas que usaria na investida do dia 29 às 13h15 do dia 28 de novembro. Os homens começaram a dirigir-se para a base de ataque às 18h, e às 4h da madrugada do dia 29 estavam preparados para tentar tomar o morro do Monte Castello pela terceira vez, ao lado do 1.º Regimento de Infantaria e do III Batalhão do 6.º Regimento de Infantaria (Almeida, 2020, p. 16-26).

Nos dias anteriores ao conflito havia chovido bastante e o caminho estava cheio de lama, dificultando a passagem não só de viaturas, como também dos próprios soldados, que caíam e se levantavam em meio a um mundaréu de barro (Klas, 2002, p. 92-96).

A ponte de Silla era um ponto fortemente visado pelos morteiros e canhões dos inimigos. Constituía passagem obrigatória, com a característica de um funil. O subcomandante, partindo na testa da coluna, determinou ao sargenteante que controlasse a retaguarda, como seu último homem. Atravessada a ponte, abandonamos a estrada asfaltada e tomamos um caminho íngreme, lamacento e pedregoso, em parte construído pela imposição da guerra. O avanço era lento e difícil. Sentimos que a carga era demasiada principalmente para os que carregavam morteiros e metralhadoras. Resvalávamos e caíamos constantemente (Klas, 2002, p. 92).

Como dito, do III Batalhão do 11.º Regimento somente a 9.ª Companhia foi poupada, permanecendo na reserva, para reforçar um eventual desfecho positivo na frente. O ataque, porém, não deu certo, e por conta de muitos problemas os homens da 7.ª e da 8.ª Companhia não avançaram mais do que 1 km do ponto de partida, o que resultou em cinco mortos e 23 feridos no campo de batalha (Almeida, 2020, p. 16-26).

Na 9.ª Companhia, que tinha ficado de fora da investida, destacava-se um jovem alto e forte (Waack, 1985, p. 73), de nome Bruno Larsen, que entraria para a história como o único soldado brasileiro da FEB que passou para o lado do inimigo como desertor e traidor.

BRUNO ANTES DA GUERRA

Bruno era filho de Luiz Larsen e Ida Larsen (Centro de Comunicação Social do Exército, 2024). Natural do distrito de Lança, em Porto União (SC), nasceu em 2 de abril de 1918 (Buchemi, 2022, p. 2-3). O soldado fazia parte das dezenas de jovens que tinham ascendência alemã, por conta da história de imigração do fim do século XIX para a região de Santa Catarina. Não foram poucos os convocados para a FEB naquela região que tinham pais ou avós imigrados para o Brasil, saídos de territórios germânicos. No caso de Bruno, os avós dele tinham procedência de Schleswig-Holstein³ (Buchemi, 2022, p. 2-3), que na época da imigração era parte do Império da Prússia.

Larsen foi parar na FEB procedente do Depósito de Pessoal Expedicionário (DPE), “ficando adido ao 11.º Regimento de Infantaria, 9.ª Cia.”, onde, em 16 de julho de 1944, recebeu o número 6.476, que mais tarde, em campanha, foi convertido no número 2G-126854. Antes servia no 20.º Regimento de Infantaria, que em 1943 era dividido entre as cidades de Curitiba (PR) e Joinville (SC). Foi posto na 9.ª Cia. do III Batalhão do 11.º Regimento de Infantaria (Buchemi, 2022, p. 2-3).

Conforme relatório de 18 de março de 1945, com o título “Documento alemão capturado em Castelo D’Aiano pela 10.ª Divisão de Montanha, por ocasião do último ataque em princípio de março”, Bruno era de uma guarnição de morteiros da referida companhia (Buchemi, 2022, p. 2-3)

No ataque de 29 de novembro de 1944 ao Monte Castello, ele viu os companheiros da 7.ª e da 8.ª Companhia no campo de batalha, mas não participou do combate. Depois do fracasso daquele dia, as duas companhias foram levadas para a retaguarda, bem

³ Eslésvico-Holsácia, em português. É um estado setentrional alemão com capital em Kiel. Antes de fazer parte da Alemanha unificada, era um ducado sob a proteção dinamarquesa, mas com a conquista da Áustria e Prússia em 1864 se tornou parte do território das duas nações e mais tarde apenas da Prússia. Quando a Alemanha surgiu, ficou como parte daquele país, retornando para a Dinamarca após a Primeira Guerra Mundial e sendo devolvido nos anos seguintes após plebiscito. É possível que, no tempo da imigração dos antepassados de Bruno para o Brasil, ainda fizesse parte do ducado dinamarquês pré-1864.

como os homens do 1.º Regimento de Infantaria e do III Batalhão do 6.º Regimento de Infantaria, que foram substituídos por infantes do I Batalhão do 11.º Regimento. A 9.ª Cia. de Bruno, que fora poupada da luta, também permaneceu na base de partida, mais exatamente nas proximidades de Casa Guanella, na parte baixa, a pouco mais de 1,5 km de Monte Castello (Klas, 2002, p. 92-96).

CASA GUANELLA

Na noite de 2 de dezembro de 1944, que ficou conhecida como “Noite dos Laurindos⁴”, os alemães atacaram as posições brasileiras em Casa Guanella com uma patrulha reforçada. A 1.ª Companhia do 11.º Regimento de Infantaria e a 9.ª Companhia (de Larsen), estreadas em combate, acharam tratar-se de um ataque maior e ambas recuaram. Os soldados abandonaram seus postos, sendo necessário que os homens do III Batalhão do 6.º Regimento de Infantaria retomassem as posições até que o pessoal se recompusesse em Silla (Klas, 2002; Brayner, 1968; Almeida, 1985; Rodrigues, 1954).

Oliveira (2011, p. 146) defendeu a ideia de que o documento no qual constavam as anotações sobre Bruno só foi conhecido depois da guerra, no “Boletim de Informações número 79”. Para o autor, inicialmente se acreditava que o desertor fora capturado em Abetaia, durante uma patrulha, no dia 3 de dezembro. Se tal afirmação estivesse correta, Bruno não seria desertor, e sim prisioneiro de guerra. No entanto Klas (2005, p. 122) sustentou que, no episódio de Casa Guanella, toda a 1.ª Companhia e dois pelotões da 2.ª Companhia, além da 9.ª Companhia, debandaram por conta do ataque alemão, fazendo com que os soldados dessas frações fossem mandados para Silla, Porreta Terme e depois para Granaglione, só retornando para Silla e de lá para Bombiana no dia 9 de dezembro, uma semana depois do ocorrido, com o objetivo de atacar Monte Castello pela quarta vez, em 12 de dezembro.

O fogo inimigo esteve mais forte em Casa Guanella, iniciando por volta das 23h e crescendo em torno das 3h da madrugada de 3 de dezembro; entre 3h e 4h os primeiros soldados começaram a abandonar os postos, seguindo o exemplo do comandante da 1.ª Companhia, Carlos Frederico Cotrim Rodrigues Pereira. Logo em seguida a 2.ª Companhia também fugiu, e a 9.ª Companhia, mesmo sendo a última a deixar o terreno, foi junto (Bruno Larsen estava entre estes). A 1.ª Companhia, de Klas, foi parar em uma fazenda, onde seus componentes se abrigaram atrás de um muro e só saíram depois do almoço para voltar a posições próximas de Casa Guanella e, no fim da tarde do dia 3 de dezembro, partir com destino a Silla e depois Porreta Terme e Granaglione. Nisso, o III Batalhão do 6.º Regimento já ocupava as linhas deixadas às pressas pelo I Batalhão e pela 9.ª Cia do 11.º Regimento (Klas, 2002, p. 92-96).

Uma hipótese a ser levantada neste artigo é de que Bruno provavelmente se aproveitou da confusão dominante naquela noite/madrugada para passar para o lado inimigo, já que, conforme Buchemi (2022, p. 1-2), Larsen era considerado “desaparecido em ação” desde 2 de dezembro de 1944. Outra hipótese que pode ser levantada é a de que Bruno não foi pego em uma patrulha no dia 3 de dezembro, pois não havia como a 9.ª Companhia ter organizado tal empreitada, uma vez que estava se defendendo dos alemães junto com os homens do I Batalhão do 11.º Regimento, tendo em seguida abandonado o campo de batalha com os companheiros.

⁴ A denominação foi dada em referência a uma música de 1943, interpretada pelo Trio de Ouro, que dizia em um de seus versos “Laurindo sobe o morro gritando”. A canção narra a história de um mestre de bateria que marca ensaio com seu pessoal e perde o controle da escola de samba, a qual resolveu deixá-lo para trás e saiu cantando sem os instrumentos pelo morro.

Bruno, no entanto, não aparece como baixa de combate no diário de campanha de Almeida (2020) nem no Relatório Secreto do Comandante da FEB (Ministério da Guerra, 1945). Logo, é de se supor que ele não tenha sido feito prisioneiro, mas entregou-se porque quis aos alemães.

Viotti (1998) também compartilha da opinião de que Bruno Larsen queria mesmo se entregar e já havia até mesmo premeditado tal ação.

Segundo seus companheiros de campo de concentração, sua ideia inicial seria lutar a favor da Alemanha. Ou os alemães não aceitaram a sua colaboração, ou, o que é mais provável, ele haja desistido de combater, achando mais conveniente ser apenas um prisioneiro aguardando o fim da guerra. Julgo assim porque os alemães incluíram em seus exércitos elementos de todas as nacionalidades, inclusive russos (Viotti, 1998, p. 239).

Outro relato que corrobora a versão de que Bruno quis se entregar por vontade própria vem de uma entrevista do ex-combatente Fridolino Irineu Kretzer, de Indaial (SC), à pesquisadora Ana Paula Iervolino, para a dissertação “A participação de teuto-brasileiros na FEB (1944-1945): memória e identidade” (USP, em 2011:

[...] Eu vou contar uma história... Aqui de Corupá tinha um cidadão de nome Larsen. [...] É, Larsen, da família Larsen. Eu estou dizendo isso – eu não vi, mas um amigo meu, que era junto com ele, na linha de frente, me contou. Faleceu já, era o Angelo Vicente⁵. Ele disse que esse Larsen dizia assim: “Eu um dia vou passar para o lado de lá. Eu vou com eles lá, eu sou alemão”. O Angelo dizia “Olha, tu não faz isso, rapaz! Deixa de ser bobo! Isso não se faz! Isso é coisa de traidor!”. “Eu vou! Eu vou!”. Um dia o Angelo me disse: “Sumiu, o Larsen! Sumiu! Onde é que está o Larsen?”. Muito bem, passou, não apareceu mais [...] (Kretzer, 2005 in Iervolino, 2011).

De fato, Angelo servia na 9.ª Cia., junto com Bruno Larsen. O nome correto dele era Angelo Vicenzi, soldado de Jaraguá do Sul (SC) (Demathe; Taffner, 2024; Palhares, 1967, p. 407). As palavras de Kretzer (2005 in Iervolino, 2011), que teriam sido repassadas a ele por Angelo, de que Bruno Larsen seria natural de Corupá (SC), todavia, não conferem com a informação do Exército Brasileiro. O que pode ter ocorrido é que Kretzer confundiu o desertor com um homônimo, Bruno Larsen, filho de Ana Gias e João Larsen, que era reservista e servia em Jaraguá do Sul (SC) em 1935/36 (*Correio do Povo*, 16 nov. 1935, p. 2).

No caso do Bruno desertor, para checar a informação da família dele, foi feito um cruzamento de dados com os registros do *site* Family Search, mantido pela Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, e encontrou-se a certidão de falecimento do seu pai, ocorrido em 9 de fevereiro de 1976, aos 87 anos de idade. Ali estão descritos os filhos de Luiz Larsen e Ida Larsen: Kurt, Edith, Ella, Helgie e Lidia. Bruno nem sequer foi mencionado (Family Search, 2024). Luiz Larsen, pai do desertor, era natural de Ibirama e filho de Friederich Larsen com Agnes Larsen, ambos alemães imigrados para o Brasil na segunda metade do século XIX. Da parte de Ida, mãe de Bruno, não foi possível encontrar seu nome de solteira e as origens de sua família.

⁵ AngeloVicenzi.

BRUNO COM OS ALEMÃES

Quem relata essa parte da história é o jornalista William Waack (1985), que entrevistou o capitão Otto Schweitzer, do Regimento de Infantaria 1.045 da 232.ª Divisão de Infantaria Alemã. Teria sido Otto quem recebeu Bruno em Castel D'Aiano, no quartel general da unidade, em 4 de dezembro de 1944:

Na porta do abrigo surgiu, acompanhado de três soldados, um rapaz alto, forte, com uniforme e equipamento americano, mas falando um bom alemão. Era um desertor brasileiro. [...] Em menos de quinze minutos, o soldado brasileiro foi levado para o QG da Divisão e virou o assunto do comunicado 3.921, de 6 de dezembro, do oficial de informações do XIV Exército. A importância do soldado era óbvia: tinha sido o único que os alemães haviam capturado entre 11 de novembro e 10 de dezembro. Suas informações, não especificadas no documento alemão, iriam ainda ocupar outro comunicado no dia 12 de dezembro, data do segundo ataque fracassado contra o monte (Waack, 1985, p. 73).

Após esse encontro com o comando dos defensores de Monte Castello, Bruno teria sido enviado para o Campo de Concentração Stalag VII-A, em Moosburg/Alemanha e, nas palavras de Oliveira (2011, p. 147), “pôde gozar de alguns privilégios por ser tradutor dos cativos junto ao comando do campo”.

Thorio Benedro de Souza Lima (*in* General-de-brigada [...], 2001), que era tenente e comandante da Companhia de Petrechos Pesados do I Batalhão do 11.º Regimento de Infantaria, também citou o boletim referenciado por Oliveira (2011, p. 146) como fonte de informação para os oficiais do 11.º Regimento de Infantaria quanto às palavras de Larsen aos germânicos e acrescentou que, após muito pensar sobre o assunto e o destino de Larsen, teve uma opinião sobre o tema:

Tentamos saber a origem daquele documento, qual o destino de Bruno Lassen [*sic*], tendo chegado à seguinte conclusão: Bruno Lassen, depois que desertou, foi encaminhado para um campo de concentração de prisioneiros brasileiros, no qual se encontrava um Oficial de nosso Exército, Emílio Varoli [*sic*]. Bruno Lassen desfrutava de uma situação especial nesse campo de prisioneiros. Admitia-se que era ligação entre prisioneiros brasileiros e o Comandante do Campo. Não se sabia da ação dele. Tinha uma situação privilegiada. Admitia-se que, por ser intérprete, gozasse desses benefícios (Lima *in* General-de-brigada [...], 2001, p. 66-67).

O fato é que, depois que Bruno sumiu das fileiras brasileiras e se apresentou ao comando alemão, a história dele ganhou contornos diferenciados, como se verá adiante.

Niebergall-Lackner (2016), em seu livro que analisa justamente as motivações para o fenômeno da deserção como um todo, mostra, bem no início do primeiro capítulo, que não há somente um único motivo que leve um combatente a abrir mão de tudo em prol de não pegar mais em armas:

A deserção é apenas uma das muitas razões pelas quais soldados deixam de lutar por seu país durante um conflito armado. Eles podem ser incapacitados por ferimentos ou morrerem em batalha; podem se render ao inimigo no campo de batalha; ou podem ser capturados por forças inimigas. Ou podem secretamente abandonar suas tropas, ir para o esconderijo, ou correr para o outro lado e

oferecer seu apoio ao inimigo. Finalmente, antes de serem enviados para o campo de batalha, os soldados podem objetar ao serviço militar em geral, ou a um determinado engajamento militar, baseado em experiências anteriores, ou às circunstâncias que envolvem um conflito armado. Se a decisão de parar de lutar é pessoal, pode haver várias razões e motivações por trás dela. Essas incluem convicções políticas, éticas e religiosas, preocupações com a segurança pessoal, preocupação com a família em casa, saudade de casa, medo, fadiga de batalha e fraqueza física. O soldado também pode ter pensamentos estratégicos sobre o sentido ou a falta de sentido de continuar lutando (Niebergall-Lackner, 2016, p. 1, tradução nossa).

Garner (2013) aponta que pelo menos 50 mil soldados americanos e outros 100 mil britânicos desertaram durante a Segunda Guerra Mundial. Quarenta e nove estadunidenses foram executados pelo crime. É um número pequeno no contexto de 16 milhões de americanos que entraram no conflito como membros das Forças Armadas e dos 5,9 milhões de pessoas do Reino Unido, aproximados 0,003% e 1,7% respectivamente.

Os alemães, por sua vez, condenaram 22.500 soldados à morte por deserção ou derrotismo e, ao final do conflito, teriam sido pelo menos 100 mil os desertores do Terceiro Reich (Atkinson, 1994) – um número oficial também baixo se comparado aos 6,2 milhões de soldados de que os exércitos de Hitler dispunham no seu auge, em 1943 (algo em torno de 1,6% do total).

Sobre as deserções na FEB, à primeira vista parecem ter ficado dentro da média dos exércitos citados anteriormente:

[...] Registre-se que, antes mesmo do embarque, ou seja, no período de treinamento no Brasil, haviam sido julgadas 28 deserções na 2.ª Auditoria da 1.ª Divisão de Infantaria do Exército. A 1.ª Auditoria da 1.ª Divisão de Infantaria do Exército proferiu sentença em 97 processos (76 condenações e 21 absolvições). Ao todo, foi responsável pela aplicação de 206 anos, nove meses e 22 dias em penas. No mesmo período, a 2.ª Auditoria da 1.ª D.I.E julgou 119 réus (72 condenados e 47 absolvidos), tendo sido responsável pela aplicação de 200 anos, dois meses e dois dias em penas (Laport, 2022, p. 9).

Tais números levariam as denúncias de deserção, contando os números ainda no Brasil, para 244 julgamentos, dos quais 68 acusados foram absolvidos. Os demais cumpriram pena ainda na Itália e/ou no Brasil, sendo mais tarde perdoados pelo governo federal em 1945. “Os que não foram alcançados pelo indulto tiveram suas penas comutadas, *a posteriori*” (Laport, 2022, p. 10). Mesmo assim, as 244 denúncias no universo de 25.334 componentes da FEB (Moraes, 1947, p. 224) correspondem a aproximadamente 0,9% de desertores, número não muito distante do de americanos, ingleses e alemães e até menor do que o de britânicos e germânicos.

Além do mais, nem todas as deserções brasileiras eram de fato deserções clássicas. Podiam ser referentes a soldados que não se apresentavam às suas unidades ou ao posto de serviço na data em que deveriam ou mesmo àqueles que fugiram de hospitais para tentar retornar aos seus grupos de combate.

Algumas infrações penais, por impressionantes que sejam, não deslustram o brilho da FEB. E convém que se diga que grande número dos acusados de deserção o foram porque abandonaram a retaguarda para se apresentarem às suas Unidades de origem, na frente de combate (Moraes, 1958, p. 17).

Não foi o caso de Bruno Larsen, que realmente preferiu o lado alemão por espontânea vontade.

DE DESERTOR A TRAIADOR

Se tivesse sido apreendido pelos inimigos, Bruno seria prisioneiro de guerra e, se tivesse apenas se entregado aos alemães, seria considerado desertor. Porém, mais do que isso, o catarinense repassou informações sobre a FEB aos inimigos. Só temos noção disso porque o professor e pesquisador Francisco Ferraz, da Universidade Estadual de Londrina (PR), teve acesso à transcrição do documento americano, produzido pela 2.^a Seção de Estado Maior da FEB.

Conforme a documentação, datada de 18 de março, quando os americanos da 10.^a Divisão de Montanha entraram em Castel D’Aiano⁶, havia o registro do interrogatório de Bruno Larsen em um dos papéis apreendidos por eles, que traduziram para o português e enviaram para a FEB.

É possível que o documento ao qual Francisco teve acesso seja o mesmo do qual falou Fonseca (2002), comandante do Pelotão de Petrechos da 4.^a Cia do 11.^o Regimento de Infantaria. O oficial alegou, no diário que manteve durante a guerra⁷, que ao voltar de seus dias de folga e chegar a Lizzano in Belvedere, onde se encontrava o comando regimental, na data de 21 de março de 1945, deparou com um documento de circulação interna, com um nome que lhe chamou a atenção: Bruno Larsen.

Encontrei em minha mesa um documento relativo às informações que um desertor das nossas linhas, Bruno Larsen, que passou aos alemães. Que eu tenha conhecimento, este é o primeiro caso de deserção entre nós. Enfim, somos humanos, com virtudes e defeitos que ora se equilibram, ora se desequilibram, ora se igualam, ora se sobrepõem, e isso, acho que explica tudo (Fonseca, 2002, p. 158).

No documento digitalizado por Francisco, é relatado que Bruno deu como justificativa para a sua decisão o fato de que “não queria combater contra os alemães”. Ele ainda os informou sobre como tinha sido o seu engajamento na guerra, até o desembarque e chegada à linha de frente, entre Abetaia e Casa Guanella (FEB, 2022, p. 2).

Mais do que isso, ele contou sobre os outros dois regimentos (6.^o e 1.^o), insígnias dos carros brasileiros com o Cruzeiro do Sul, o endereço do regimento dele (314), a organização do 11.^o Regimento (dizendo em detalhes que havia três batalhões, três companhias, três pelotões e três grupos de combate com 12 homens), além de revelar a existência das tropas de morteiros e que a companhia tinha aproximadamente 130 homens, sendo efetivo do batalhão de aproximadamente 700 combatentes (FEB, 2022, p. 2).

Bruno foi ainda mais longe e entregou os tipos de armamentos usados pelos companheiros, dizendo que na companhia dele havia três morteiros de 60 milímetros e duas bazucas; que os oficiais usavam metralhadoras portáteis; que a Companhia de Petrechos tinha oito metralhadoras (das quais duas eram pesadas), além de seis morteiros de 81 milímetros distribuídos em dois grupos (FEB, 2022, p. 2).

⁶ Em 5 de março de 1945.

⁷ Esse diário virou livro: *Uma face da glória: reminiscências e diário de campanha* (Fonseca, 2002).

Ele também deu o nome do capitão da companhia, porém sem o sobrenome, apenas o identificou como Hugo (Hugo de Andrade Abreu) (FEB, 2022, p. 2).

Bruno falou até mesmo que junto dele serviam entre 25 e 30 alemães, 25 e 30 italianos, mestiços e alguns negros, além de soldados descendentes de poloneses e alguns brasileiros descendentes de portugueses. Contou ainda que os oficiais e comandantes das subunidades eram “geralmente de descendência de portugueses”. Também disse que o uso da língua alemã ou italiana foi proibido desde o início da guerra, no entanto afirmou nada saber “sobre as intenções de sua unidade” (FEB, 2022, p. 3).

Sobre baixas, Bruno relatou que na companhia dele não havia ocorrido nenhuma (e estava correto, pois em Monte Castello ficaram na reserva), porém que na outra unidade houve pelo menos 20 feridos em um só dia. Como dito no começo do texto, no ataque de 29 de novembro de 1944, 23 soldados ficaram feridos e cinco morreram. Logo, Bruno confirmou aos alemães uma informação correta.

Não contente, ainda entregou aos alemães que os tiros deles estavam caindo a menos de 20 metros das posições brasileiras, o que era uma informação valiosa para regulagem de fogo de artilharia ou morteiro (FEB, 2022, p. 3).

Expôs para os alemães que não havia nenhum preparativo para guerra química, mas que todos os soldados haviam recebido uma máscara de gás. Bruno também descreveu que a população italiana se dava muito bem com os brasileiros e que a idade média dos soldados era de 23 a 27 anos, todos solteiros, pois os casados não eram enviados para o além-mar. Assegurou aos tedescos que todos na FEB eram convocados e que não havia voluntários. Informou ainda o vencimento de cada soldado e que a maioria dos combatentes estava sentindo saudades de casa e se encontrava cansada da guerra (FEB, 2022, p. 3).

Depois, falou sobre um pronunciamento de Churchill pelo rádio; que a 9.^a Companhia estava em Abetaia; que o III Batalhão era novato em linha; que a companhia não possuía veículos (somente três jipes usados pelos oficiais) e que os brasileiros acreditavam que tinham as melhores unidades da Alemanha na frente deles, inclusive com divisões das Schutzstaffel (SS), consideradas forças de elite. Assinava o relatório de interrogatório um segundo-tenente alemão de nome Schmidt (FEB, 2022, p. 3).

Outro prisioneiro, Emílio Varoli, que era comandante de Pelotão da 2.^a Companhia do 11.^o Regimento de Infantaria, quando interrogado pelos mesmos alemães, ainda que tenha dado informações diversas sobre a unidade dele, negou-se a falar o nome dos oficiais que o comandavam. Só informou sobre o pelotão dele e recusou-se a dar informações sobre outras unidades da FEB. Quanto a descendentes de alemães e de italianos, o prisioneiro desconversou e disse que a maioria tinha pais brasileiros (FEB, 2022, p. 5-6).

Varoli também se negou a dizer aos alemães em quais horários os brasileiros eram alimentados e não entregou os contatos dos pracinhas com os *partigiani*, dizendo que não dava confiança para eles. Falou, porém, sobre o Cruzeiro do Sul, que identificava as viaturas brasileiras, e disse que os soldados brasileiros só sofriam mesmo com o frio, mas que lutavam porque os navios brasileiros haviam sido afundados (FEB, 2022, p. 5-6).

Comparando os dois depoimentos, nota-se que Bruno estava muito mais disposto a colaborar com o inimigo do que o colega de regimento.

Em 12 de dezembro de 1944, a FEB atacou pela última vez o Monte Castello antes da vitória em 1945. Os alemães foram superiores e impediram os avanços aliados. Falta de meios para cumprir a missão, baixa visibilidade, frio, lama, perda do elemento surpresa porque baterias americanas dispararam antes do combinado para preparar terreno e a precisão com que os movimentos foram lidos ajudam a explicar os insucessos daquele dia. Teriam os inimigos se beneficiado de alguma forma das informações repassadas

por Bruno Larsen? Com os dados pesquisados até o momento, não é possível responder tal pergunta.

O FIM DE BRUNO

Por algum motivo, Bruno não foi aceito como combatente para fazer parte do 1.045.º Regimento de Infantaria alemão. Conforme a descrição de Oliveira (2011), de Thorio Benedro de Souza Lima (*in* General-de-brigada [...], 2001) e de Viotti (1998), ele foi enviado para um campo de prisioneiros alemães. Oliveira (2011, p. 147) assegura que a prisão que o recebeu foi o Campo de Concentração Stalag VII-A, em Moosburg, na Alemanha, local usado para o aprisionamento dos brasileiros – os quais chegaram a um número de 35 –, na maioria dos casos, separados em blocos diferentes.

Para Moosburg também foram enviados Emílio Varoli (Varoli, 1949), Eliseu de Oliveira (*in* Bondesan, 1947) e Amynthas Pires de Carvalho (Cabo [...], 2001), que registraram suas experiências em entrevistas que se transformaram em livros ou capítulos de livros. Carvalho (Cabo [...], 2001) fez uma lista com 23 companheiros que avistou no campo de concentração e que com ele conviveram, e nenhum se chamava Bruno Larsen. Segundo Carvalho (Cabo [...], 2001, p. 304), o intérprete de alemão deles era o catarinense Oswaldo Casemiro Müller, do 6.º Regimento de Infantaria, que falava fluentemente o idioma de seus antepassados.

Carvalho (Cabo [...], 2001, p. 313), depois de libertado no fim de abril de 1945 (ele tinha sido preso nos primeiros meses de combate da FEB, ainda em 1944), explicou que foi levado para o campo Lucky Strike, sob responsabilidade dos americanos e que servia como espaço de repouso e recuperação para os soldados. Para chegar ali (Marselha, departamento de Bouches-du-Rhône, França), haviam feito uma longa viagem que cruzou a Alemanha e a Bélgica, levados pelos americanos. De Marselha o grupo foi encaminhado para Alessandria, Pisa e Francolise, onde os brasileiros já estavam esperando para voltar para casa.

Varoli (1949), Eliseu de Oliveira (*in* Bondesan, 1947) e Carvalho (Cabo [...], 2001) não escreveram uma palavra sobre terem avistado Bruno Larsen, o que era de esperar, uma vez que, se ele estivesse colaborando com os alemães, não passaria despercebido. Tal fato levanta dúvidas sobre a versão de que ele estaria sendo usado como tradutor (Oliveira, 2011, p. 147; Lima *in* General-de-brigada [...], 2001, p. 66-67).

Ainda assim, Lima (*in* General-de-brigada [...], 2001, p. 66-67) apresenta duas versões para o que aconteceu com Larsen, conforme teria ouvido de uma fonte primária:

E aí há uma série de versões, uma das quais, a última, foi-nos relatada pelo Coronel Heitor Caracas Linhares; ele disse o seguinte: “o Varoli tinha contado a ele, Linhares que, no momento em que os contingentes de prisioneiros estavam sendo embarcados para o Brasil, se encontravam na França. Na ocasião do embarque, o soldado Bruno Lassen disse que tinha uma coisa a fazer e voltou ao acantonamento onde tinham permanecido. Como estava demorando, o Varoli foi procurá-lo e encontrou o soldado Bruno Lassen enforcado. Havia se suicidado. Eu conheci uma versão diferente: Bruno Lassen se encontrava entre os prisioneiros relacionados para retornar ao nosso País e, na ocasião do embarque, se achava presente, mas depois ninguém teve notícia dele. Fatos como esses são importantes porque muito pouca gente conhece e interessaria saber qual foi o destino que teve esse desertor (Lima *in* General-de-brigada [...], 2001, p. 66-67).

Oliveira (2011, p. 147-148) vai no mesmo sentido de Lima (*in* General-de-brigada [...], 2001), alegando que ele fugiu ou se matou. Já Viotti (1998) acusa apenas a versão de que ele fugiu antes que o devolvessem para a FEB, ouvida exatamente do mesmo Emílio Varoli citado por Lima (*in* General-de-brigada [...], 2001).

O tenente Varoli, único oficial brasileiro aprisionado pelos alemães, quando recuperado após a guerra e de novo incorporado a seu regimento, o Onze, contou-me a história do nosso desertor, que fora o único brasileiro aprisionado após desertar, num total de 35. Todos os outros foram aprisionados combatendo. Note-se que aprisionamos mais de 20 mil alemães dentre oficiais e soldados. Resgatados do campo de concentração, nossos prisioneiros foram encaminhados a Paris. Sabedores da deserção do companheiro, o passaram a dizer de que ele seria fuzilado, se voltasse em companhia deles. Assustado, ele sumiu do mapa, desapareceu, desertou uma segunda vez. Por pouco tempo. Um ano depois nossas constituintes patrioticamente, anistiam todos os criminosos da FEB (Viotti, 1998, p. 239-240).

Silveira (1989, p. 110), por sua vez, atribuindo o fato a uma fala que supostamente seria de Mascarenhas de Moraes, comandante da FEB, assegura que Bruno Larsen de fato se suicidou no campo Lucky Strike, ainda que na obra mencionada por ele (*A FEB pelo seu comandante*) a fala não tenha sido localizada em parte alguma. Logo, é possível crer que a declaração pode não ter sido proferida por Mascarenhas de Moraes. Silveira (1989) situa o campo em Saint-Valéry, França.

Oliveira (2011, p. 148) lembra que Larsen não faz parte do boletim do Exército de 1946, no qual constavam os mortos e desaparecidos em campanha. Tal versão é confirmada com a ausência do nome de Bruno das obras do Ministério da Guerra (1947) e de Barros (1957), que tratam especificamente sobre os pracinhas mortos na Itália, com minibiografias deles.

Desde 2003, por algum problema de checagem ou por conta de erros de apuração, Bruno Larsen apareceu incorretamente como baixa da FEB em Montese em 14 de abril de 1945 e tendo como origem Porto Alegre (RS), primeiramente no *site* www.mauxhomepage.net e depois reproduzido por outros *sites*. Até 2022, eram pelo menos quatro os *sites* que usavam a informação errada sobre Larsen, sendo eles: xdocs.com.br⁸ (de autoria de Edson Day), [Taiada Web](http://TaiadaWeb.com.br)⁹, [História Licenciatura](http://HistoriaLicenciatura.com.br)¹⁰ e [O Resgate da Força Expedicionária Brasileira](http://OResgateDaForcaExpedicionariaBrasileira.com.br)¹¹.

VERSÃO OFICIAL

Especificamente para este artigo, foram feitas duas consultas ao Exército Brasileiro, via Centro de Comunicação Social do Exército, para saber qual a versão oficial da força

⁸ Disponível em: <https://xdocs.com.br/doc/lista-detalhada-e-ilustrada-dos-mortos-da-fora-expedicionaria-brasileira-na-campanha-da-italia-4ol2mkp55ynm>. Acesso em: 5 jun. 2022.

⁹ Disponível em <https://www.taiadaweb.com.br/os-mortos-da-feb-na-segunda-guerra-mundial/> e em <http://hid0141.blogspot.com/2021/07/os-mortos-da-forca-expedicionaria-e-o.html>. Acesso em: 5 jun. 2022.

¹⁰ Disponível em: <http://hid0141.blogspot.com/2021/06/lista-detalhada-dos-mortos-da-feb-na.html>. Acesso em: 5 jun. 2022.

¹¹ Disponível em: <https://henriquempfeeb.blogspot.com/2012/07/lista-detalhada-dos-mortos-da-feb-na.html>. Acesso em: 5 jun. 2022.

sobre o paradeiro de Bruno Larsen, uma em 2022 e outra em 2024. A resposta foi de que, “de acordo com consulta realizada à Diretoria do Patrimônio Histórico e Cultura do Exército, o Soldado Bruno Larsen era integrante do 11.º RI e foi considerado desaparecido em ação a partir de 2 DEZ 1944 até 6 JUL 1945” e que:

Nesse dia, foi considerado desertor em ação e suicidou-se, em 20 ABR 1945, no campo de prisioneiros alemães Lucky Strike (Exército dos EUA), situado em Saint Valéry - França e foi sepultado em SolersCemetery n.º 01. Não houve comunicação da morte para a família, conforme a Ficha de Baixa do soldado. Por fim, esclarecemos que ele não foi julgado pela 1.ª Auditoria de Justiça da FEB. O Decreto n.º 20.082, de 3 DEZ 1945, indultou todos os condenados pela Justiça da FEB (Centro de Comunicação Social do Exército, 2022).

A versão do Exército de que Bruno estaria em um campo de prisioneiros alemães conota que ele estava andando com os alemães ou sendo levado junto deles e foi preso por tropas aliadas em algum momento. Ao mesmo tempo, Lucky Strike consta como campo de restabelecimento aliado e não como campo de prisioneiros alemães (The National WWII Museum, 2025).

O suicídio em 20 de abril também chama a atenção e vai ao encontro do que Lima (*in* General-de-brigada [...], 2001) e Oliveira (2011) apresentaram em suas hipóteses. Porém, cronologicamente, não confere com a versão de Lima de que Varoli teria tido contato com Bruno, já que o oficial foi libertado em 29 de abril de 1945 e Bruno, segundo a versão oficial do Exército, teria morrido em 20 de abril de 1945.

Em contato com o Escritório Alemão para Notificação de Familiares de Soldados Mortos da Antiga Wehrmacht Alemã (WASSt)¹² (Bundesarchiv, 2024), a informação foi de que não havia registro de enterramento de nenhum Bruno Larsen nos cemitérios franceses sob os cuidados da instituição¹³ e que os únicos dois soldados do Reich que se chamavam “Bruno Larsen” eram alemães de nascimento e ambos haviam sobrevivido à guerra após terem sido feitos prisioneiros.

Em outra instituição alemã que cuida dos mortos de guerra daquele país, a Comissão Alemã de Túmulos de Guerra (Volksbund Deutsche Kriegsgräberfürsorge, 2024), havia o nome de um Bruno Larsen que estava desaparecido em combate. Em cruzamento de informações do Bundesarchiv (2024) com Volksbund Deutsche Kriegsgräberfürsorge (2024), ficou constatado que se tratava de um dos dois Brunos sobreviventes citados anteriormente e não do Bruno brasileiro.

Tal desencontro de informações motivou um novo pedido de esclarecimento às autoridades brasileiras, respondido pelo Centro de Comunicação Social do Exército (2024), que enviou a folha de alterações de Bruno Larsen, além de uma “Ficha de Baixas”, em que reafirmou a morte por suicídio, porém corrigiu a data para 20 de maio de 1945, o que faria mais sentido.

No mesmo documento enviado, há a indicação de uma autópsia que teria sido feita e de um relatório de sepultamento, mas, algumas linhas abaixo, sublinhado com marca-texto amarelo, existe a inscrição: “não foi expedida nenhuma documentação sobre falecimento ou sepultamento, uma vez que se trata de desertor”. Todos os documentos referentes a Larsen teriam sido então enviados ao Serviço de Informações da FEB, junto com um memorando de número 409-G, de 11 de dezembro de 1945.

¹² Deutsche Dienststelle für die Benachrichtigung der nächsten Angehörigen von Gefallenen der ehemaligen Deutschen Wehrmacht (WASSt).

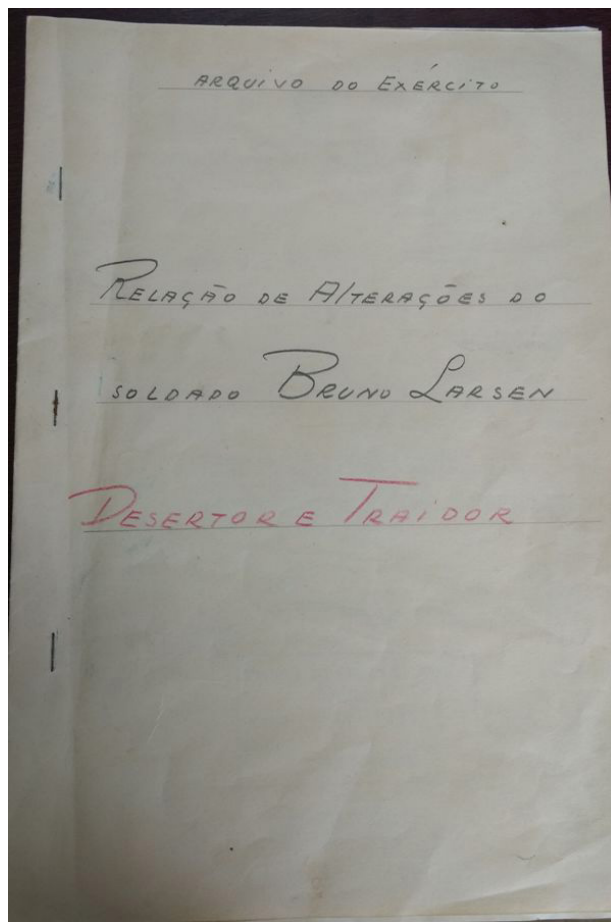
¹³ Cemitério de Guerra Alemão em Soler, no departamento de Seine-et-Marne (sudeste de Paris), e Cemitério Francês em Saint-Valery.

O JULGAMENTO PÓSTUMO

Quanto ao julgamento citado na comunicação oficial do Exército, o fato também pode ser constatado pelo documento de Buchemi (2022). Já o indulto tratado no mesmo comunicado foi o Decreto n.º 20.082, de 3 de dezembro de 1945, que concedeu “indulto aos oficiais e praças que, como parte integrantes da F. E. B., na Itália, hajam cometido crimes que não os de homicídio doloso ou de deserção para o inimigo, tenham sido ou não julgados e condenados” (Câmara dos Deputados, 1945). Porém tal medida não era válida para desertores e, como Bruno foi considerado desertor em 6 de julho de 1945 pelo comando do 11.º Regimento de Infantaria (Buchemi, 2022), caberia a dúvida se ele poderia ter sido beneficiado ou não pelo Decreto 20.082/1945. Morreu antes de ser pego e julgado, conforme o Exército.

Da mesma forma, o pai dele, Luiz, que seria a pessoa indicada para receber sua pensão em caso de morte em combate, nunca recebeu nenhum valor, uma vez que a deserção e o posterior suicídio não geraram ao Estado brasileiro nenhuma pecúnia, no sentido legal. Para o Estado, Bruno e seus familiares não poderiam ter mais nenhum direito a indenização. Isso porque o Exército o considerava desertor e traidor, pelo menos de maneira oficial, desde 1953, conforme se pode observar na imagem a seguir, capa da folha de alterações de Bruno feita por Buchemi (2022).

Figura 1 – Capa da “Relação de alterações do soldado Bruno Larsen, desertor e traidor”



Fonte: Buchemi (2022)

CONCLUSÃO

Após a consulta a documentos e obras bibliográficas e com a resposta oficial do Exército, é possível afirmar que Bruno Larsen foi de fato um desertor e traidor da Pátria, que cometeu crimes que poderiam ser classificados como graves e mesmo dignos de fuzilamento, caso ele fosse do Exército norte-americano. No entanto, como ele se suicidou, não pôde ser preso, levado às autoridades brasileiras e julgado, ainda que, dependendo do entendimento do Judiciário, pudesse ser posteriormente beneficiado pelo Decreto 20.082 de 1945.

Mesmo assim, restam algumas arestas que ainda não foram aparadas, mesmo após esta pesquisa bibliográfica, como, por exemplo, o teor original do depoimento de Bruno aos alemães, transcrito pelos interrogadores do Reich.

Sobre as motivações que o levaram a se entregar aos alemães, o simples fato de não querer combatê-los já demonstra evidências de que de alguma forma se afeiçoava aos inimigos da FEB e que pode ter agido de caso pensado, com firme intenção de fazê-lo, com dolo direto.

A hipótese de sua captura em patrulha deve ser atualizada com este artigo, que mostra ser muito mais possível que ele tenha se aproveitado da confusão reinante na noite de 2 para 3 de dezembro de 1944, indo parar nas linhas alemãs durante o episódio que entrou para a história como Casa Guanella ou Noite dos Laurindos.

No futuro, com a desclassificação ou atualização de legislação que permita a consulta às fichas individuais dos soldados da FEB, alguns desses pontos poderão ser mais bem esclarecidos e, eventualmente, poderá haver uma atualização do conteúdo aqui proposto.

Fato é que, para o Estado brasileiro, Bruno será sempre uma mancha, um exemplo a não ser seguido, e aparentemente, pela sua omissão nos registros oficiais da família (Family Search, 2024), ele também era alguém que mesmo entre seus consanguíneos precisava ser esquecido e ser apagado, pois não foi lembrado pelo irmão na certidão de falecimento do próprio pai¹⁴.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Ademar Rivermar de. Diário de campanha. *In*: CAMPIANI, César. **Onze parte I, II, III e IV**. Destinatário: Helton Costa. 22 set. 2020. 1 mensagem eletrônica.

ALMEIDA, Ademar Rivermar de. **Montese: marco glorioso de uma trajetória**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1985.

ATKINSON, Rick. Enduring angst: how to deal with Hitler's Army deserters? **The Washington Post**, 27 nov. 1994. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/archive/politics/1994/11/27/enduring-angst-how-to-deal-with-hitlers-army-deserters/f2b3c0fd-11d2-406c-845d-1178ee2c2fb7/>. Acesso em: 7 jun. 2024.

BARROS, Aluizio de. **Expedicionários sacrificados na Campanha da Itália**. Rio de Janeiro: Bruno Buccini, 1957.

¹⁴ Tentou-se contato com pessoas que seriam sobrinhos e sobrinhas em segundo e terceiro grau de Bruno Larsen, porém nenhum deles quis se pronunciar nem mesmo assumir o parentesco.

BONDESAN, Altino. **Um pracinha paulista no inferno de Hitler (a odisséia do expedicionário Eliseu de Oliveira)**. Curitiba: Guaíra, 1947.

BRAYNER, Floriano de Lima. **A verdade sobre a FEB (memórias de um chefe de Estado-Maior na Itália)**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

BUCHEMI, Humberto. Ofício n.º 161 – A.P. 1953. *In*: FERRAZ, Francisco. **Fotografias sobre Bruno Larsen**. Destinatário: Helton Costa. Londrina, 2 jun. 2022. 1 mensagem eletrônica recebida pelo Facebook Messenger.

BUNDESARCHIV. 2024/A-135. **Soldat Bruno Larsen**. Destinatário: Helton Costa. Berlim, 5 abr. 2024. 1 mensagem eletrônica.

CABO Amynthas Pires de Carvalho. *In*: MOTTA, Aricildes de Moraes (org.). **História oral do Exército na Segunda Guerra Mundial**. Rio de Janeiro: Bibliex, 2001. Tomo 8.

CÂMARA DOS DEPUTADOS. **Decreto n.º 20.082, de 3 de dezembro de 1945**. Rio de Janeiro, 3 dez. 1945. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1940-1949/decreto-20082-3-dezembro-1945-327308-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 19 abr. 2024.

CENTRO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL DO EXÉRCITO. **JORNALISMO: dúvida sobre brasileiro desaparecido na Segunda Guerra**. Destinatário: Helton Costa. Brasília, 13 jun. 2022. 1 mensagem eletrônica.

CENTRO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL DO EXÉRCITO. **JORNALISMO: dúvida sobre brasileiro desaparecido na Segunda Guerra**. Destinatário: Helton Costa. Brasília, 18 abr. 2024. 1 mensagem eletrônica.

CORREIO DO POVO. Jaraguá do Sul, p. 2, 16 nov. 1935.

DEMATHE, Valdir; TAFFNER, Andrey. **Família Vicenzi**. Disponível em: <https://circolotrentino.com.br/site/familias/conteudo.php?n=Vicenzi>. Acesso em: 19 abr. 2024.

FAMILY SEARCH. **Brasil, Santa Catarina, Registro Civil – 1850-1999**: entry for Luis Larsen and Friedrich Larsen, 9 Feb 1976. Disponível em: <https://www.familysearch.org/ark:/61903/1:1:Z7SL-D43Z>. Acesso em: 19 abr. 2024.

FERRAZ, Francisco. **Fotografias sobre Bruno Larsen**. Destinatário: Helton Costa. 2 jun. 2022. 1 mensagem eletrônica recebida por Facebook Messenger.

FONSECA, Ruy de Oliveira. **Uma face da glória**: reminiscências e diário de campanha. Rio de Janeiro: Ed. Ágora da Ilha, 2002.

FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA – FEB. Documento Alemão Capturado em Castel D’Aiano pela 10ª Divisão de Montanha, por ocasião do último ataque em princípio de março. P.C. em Lizzano in Belvedere, 18 de março de 1945. *In*: FERRAZ, Francisco. **Fotografias sobre Bruno Larsen**. Destinatário: Helton Costa. 2 jun. 2022. 1 mensagem eletrônica recebida por Facebook Messenger.

GARNER, Dwight. **Into the lives of three deserters who did not have a good war**. 2013. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2013/06/10/books/the-deserters-a-world-war-ii-history-by-charles-glass.html>. Acesso em: 7 jun. 2024.

GENERAL-DE-BRIGADA Thorio Benedito de Souza Lima (entrevista). *In*: MOTTA, Aricildes de Moraes (org.). **História oral do Exército na Segunda Guerra Mundial**. Rio de Janeiro: Bibliex, 2001. Tomo 8.

IERVOLINO, Ana Paula. **A participação de teuto-brasileiros na FEB (1944-1945): memória e identidade**. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

KLAS, Alfredo Bertoldo. **A verdade sobre Abetaia**. Drama de sangue e dor no 4.º ataque da F.E.B. ao Monte Castelo. Curitiba: Imprensa Oficial, 2005.

KLAS, Alfredo Bertoldo. **A verdade sobre Guanella**: um drama da FEB. Curitiba: Juruá, 2002.

LAPORT, William Pereira. Casus Belli: um estudo sobre a justiça expedicionária brasileira no teatro de guerra da Itália (1944-1945). *In*: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESTUDOS DE DEFESA (XII ENABED), 12., 2022. **Anais Eletrônicos** [...]. Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2022. Disponível em: https://www.enabed2022.abedef.org/resources/anais/19/enabed2022/1654973038_ARQUIVO_981a38f65c6edaba0152118dc07ee1da.pdf. Acesso em: 7 jun. 2024.

MINISTÉRIO DA GUERRA. **Força Expedicionária Brasileira**: Relatório Secreto, volume I – 1943-1945. Rio de Janeiro: Ministério da Guerra, 1945.

MINISTÉRIO DA GUERRA. **Os mortos da FEB**. Rio de Janeiro: Imprensa Militar, 1947.

MORAES, João Batista Mascarenhas de. **A FEB pelo seu comandante**. 2. ed. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1947.

MORAES, João Batista Mascarenhas de. Introdução. *In*: ALBUQUERQUE, Bento Costa Lima Leite de. **A Justiça Militar na Campanha da Itália**. Fortaleza: Imprensa Oficial, 1958. p. 17-18.

NIEBERGALL-LACKNER, Heike. **Status and treatment of deserters in international armed conflicts**. Leiden Boston: Brill Nijhoff, 2016.

OLIVEIRA, Dennison de. **Os soldados alemães de Vargas**. Curitiba: Juruá, 2011. p. 146-148.

PALHARES, Gentil. **De São João del Rei ao Vale do Pó**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1967. [1. ed. 1951]

RODRIGUES, Agostinho José. **O Paraná na FEB**. Documentário. 2. ed. Curitiba: Imprensa Oficial do Estado, 1954.

SILVEIRA, Joaquim Xavier. **A FEB por um soldado**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.

THE NATIONAL WWII MUSEUM. **Camp Lucky Strike: RAMP Camp N. 1**. Disponível em: <https://www.nationalww2museum.org/war/articles/camp-lucky-strike>. Acesso em: 18 fev. 2025.

VAROLI, Emílio. Aventuras de um prisioneiro na Alemanha Nazista. In: ARRUDA, Demócrito C. (org.). **Depoimento de oficiais da Reserva sobre a FEB**. São Paulo: Ipê, 1949.

VIOTTI, Cássio Abranches. **Crônicas de guerra**. A Força Expedicionária Brasileira na Itália. Belo Horizonte: Edição do Autor, 1998.

VOLKSBUND DEUTSCHE KRIEGSGRÄBERFÜRSORGE. V. **BRUNO Larsen, Vg. 705818**. Destinatário: Helton Costa. Berlim, 11 mar. 2024. 1 mensagem eletrônica recebida por *e-mail*.

WAACK, William. **As duas faces da glória**: a FEB vista pelos seus aliados e inimigos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.